
SER Social

POVOS TRADICIONAIS E POLÍTICA SOCIAL
Brasília (DF), v. 27, nº 53, de julho a dezembro de 2023

O cuidado em saúde e a dança: vivências de jovens mulheres quilombolas

Health care and dance: experiences of young quilombolas
Cuidado de la salud y danza: experiencias de jóvenes quilombolas

Milena de Siqueira Nolasco¹
<https://orcid.org/0000-0001-7483-6415>
Liliane Santos Pereira Silva²
<https://orcid.org/0000-0002-0730-4213>
Mayk Andreele do Nascimento³
<https://orcid.org/0000-0001-9975-415X>

Recebido em: 23/12/2022

Aprovado em: 13/07/2023

1 Assistente Social (CRESS 29540). Residente na Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (2017-2021). Assistente Social (CRESS 29540) na Fundação Hospitalar de Minas Gerais, no Instituto Raul Soares. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5855409044455291>>. E-mail: <milenasiqueira.nolasco@gmail.com>.

2 Psicóloga (CRP 15/5850). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (2014-2020). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (2020-2022). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1274993479313873>>. E-mail: <lilianesilva.psico@gmail.com>.

3 Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2014). Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Alagoas – Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0800668272544619>>. E-mail: <mayk.nascimento@palmeira.ufal.br>.

Resumo: O artigo tem o objetivo de compreender os cuidados em saúde de jovens mulheres negras quilombolas por meio da dança. As participantes foram oito jovens de um grupo de dança de uma comunidade quilombola da zona rural do sertão alagoano, as quais buscam, por meio da dança, traçar o enfrentamento contra as opressões de raça, gênero e classe, além da instituição do cuidado em saúde como espaço potente do corpo e da história quilombola. Metodologicamente, o estudo integrou uma pesquisa de cunho qualitativo, com a utilização de instrumentos como o diário de campo, a observação participante e os grupos focais. Por fim, a análise foi realizada com base na pesquisa social. O estudo evidencia as estratégias de resistência diante de desamparos em saúde. O cuidado, a ancestralidade e os movimentos corporais possibilitam que jovens negras quilombolas estruturem um outro modo de viver e enfrentar as negligências dos serviços e das políticas de saúde insuficientes no quilombo.

Palavras-chave: saúde; cuidados; jovens; corpo.

Abstract: The article aims to understand the health care of young black quilombola women through dance. The participants are eight young people from a dance group from a quilombola community in the rural area of the backlands of Alagoas, who seek, through dance, to fight or face the oppressed of race, gender and class and the health institution, as a powerful space of body and quilombola history. Methodologically, the study integrated a qualitative research, using the field diary, participant observation and focus groups as instruments and, finally, the analysis was carried out based on social research. The study points out resistance strategies in the face of neglect in health. Care, ancestry and body movements allow young black quilombolas to structure another way of living and face the neglect of two services and health policies absent from the quilombo.

Keywords: health; care; young people; body.

Resumen: El artículo tiene como objetivo comprender el cuidado de la salud de las jóvenes negras quilombolas a través de la danza. Los participantes son ocho jóvenes de un grupo de danza de una comunidad quilombola en la zona rural del interior de Alagoas, que buscan, a través de la danza, luchar o enfrentar a los oprimidos de raza, género y clase y la institución de salud, como un poderoso espacio de cuerpo e historia quilombola. Metodológicamente, el estudio integró una inves-

tigación cualitativa, utilizando como instrumentos el diario de campo, la observación participante y los grupos focales y, finalmente, el análisis se realizó con base en la investigación social. El estudio apunta estrategias de resistencia frente al descuido en salud. Los cuidados, la ascendencia y los movimientos corporales permiten a los jóvenes quilombolas negros estructurar otra forma de vivir y enfrentar el abandono de dos servicios y políticas de salud ausentes del quilombo.

Palabras clave: salud; cuidados; jóvenes; cuerpo.

INTRODUÇÃO

Em passagens por comunidades negras rurais, diante de cenas e diálogos, a entonação que circula sobre o estado de pulsão da vida é o cuidado. Raramente ouviremos “saúde”. Frequentemente ouviremos “cuidado”. Há um entorno comunitário, que compõe cuidados em saúde, diante da fragilidade de políticas e serviços em saúde eficazes, os quais se amparam numa ordem social racista. Como eixo central, a comunidade conduz o cuidado com base em saberes populares: ervas de cura, rezas que benzem, corpos que dançam, gestos que relatam afetações e cânticos que ressoam espiritualização.

O estudo se estabelece nos entornos de uma comunidade quilombola do sertão de Alagoas que sofre com a precarização das políticas de saúde e encontra-se à mercê de suas próprias ações. Diante desse cenário, a comunidade passa a ter atividades de luta por efetivação de políticas públicas e integração a ONGs e instituições federais. A comunidade realiza, ainda, o fomento cultural, por meio do qual vislumbra o empoderamento racial, corporal e ancestral. O cuidado em saúde está intimamente ligado à resistência, pois é o corpo que reage contra a marginalização, que se nega ao extrativismo corporal e que vive em estado de coletividade.

Nesse limiar, o artigo tem como objetivo compreender os cuidados em saúde de jovens mulheres negras quilombolas por meio da dança. O grupo de dança é composto por oito jovens mulheres, estando, hoje, em sua terceira formação. Surgiu em 2008, coordenado pela liderança comunitária, com a participação de 20 jovens. Ao longo dos anos, ganhou novos contornos e entradas, mas preserva, em sua base, a

extensão da ancestralidade, contada por meio do corpo dançante, o que institui uma possibilidade de passagem geracional de saberes e traça a produção de um espaço de cuidado a jovens que vivenciam o racismo.

Passearemos pelas intersecções entre dança, ancestralidade e cuidado em saúde no território negro quilombola, que conduzem as alternativas de saúde às jovens. A análise está amparada em narrativas, cenas e gestualizações que direcionam aos cuidados em saúde. Elaboramos a integração de assimilação da teoria e a cotidianidade expressa no campo, expostas em direção horizontal, para que o conhecimento proposto seja capaz de considerar as atividades contra-hegemônicas. Criar campos de cuidado é criar campos de promoção à saúde e, talvez, haja muito a aprender com as práticas negras quilombolas.

NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO DE CUIDADO EM SAÚDE E A DANÇA EM QUILOMBOS

Em contextos rurais, como no caso das comunidades quilombolas, há uma cotidianidade marcada pela falta de serviços e políticas de assistência — a exemplo do saneamento básico —, realidade que é quase que imperceptível ao olhar público institucional. Diante da invisibilidade, as condições de trabalho, cultura e lazer são ainda mais precárias, vividas entre o campo do esquecimento e o campo de resistência. Enquanto a lógica contemporânea moderna renega e sonega populações negras e rurais, a lógica de resistência negra cria cenas e ações antagônicas.

Neste caminho, com lógicas estatais evasivas e negligentes incididas sobre a população negra, esferas comunitárias exercem o cuidado em saúde com outras moldagens, intrínsecas aos saberes populares, integradas culturalmente e com densidade política, o que caracteriza a cotidianidade negra e seus métodos de resistência. O cuidado, quando interligado à saúde — que traz, em seu significado, um estado de equilíbrio entre o corpo e o ambiente —, se atenta para a impossibilidade de que a saúde seja dissociada do cuidado, por entender que se deve construir um equilíbrio entre o corpo e as vivências individuais e comunitárias, entre grupos e diferentes dimensões da vida humana (PUGGINA & SILVA, 2009; SANTOS et al., 2021).

Nas comunidades quilombolas, a solidariedade e a sociabilidade estão cotidianamente atreladas ao cuidado estabelecido entre os

moradores. Quando se encontram para a partilha de experiências, como é o exemplo da composição de um grupo de dança, os moradores estão coletivamente fazendo parte da construção de uma identidade para a comunidade, já que a elaboração da coreografia, os ensaios e a organização possibilitam um lugar de cooperação mútua de ideias e sentimentos. As relações de cuidado são tecidas a partir das vivências coletivas, do zelo para com o outro, estruturando o encontro das/os moradoras/es com o território quilombola, possibilitando a criação de espaços de cuidado, fortalecimento e compromisso comunitário (RUCKERT, CUNHA & MODENA, 2018; PÉREZ, 2019).

A partir do exercício do cuidado, cria-se forte relação entre matéria e espírito, o corpo e a mente, com sua presença no mundo e suas interações sociais. Assim, se expande e se exerce a força de transformação nas reflexões e intervenções no campo do cuidado em saúde. A interação entre indivíduos com a intenção de cuidar objetiva o alívio do sofrimento ou a busca do bem-estar para a pessoa e, consequentemente, para o ambiente em que se encontra. A forma como os sujeitos vão construindo a autonomia é um processo de produção de saúde (SANTOS, 2021).

O cuidado em saúde induz e conduz a atividades comunitárias contra-hegemônicas. As comunidades quilombolas, em seus modos de vida, operam diferentes formas de produzir saúde. Tais elaborações vão desde diálogos em alpendres às festividades populares, dos encontros nos quintais à rememoração de suas estórias e histórias. O ato de produzir saúde está ligado a afirmar práticas ancestrais, que elaboram afetos diaspóricos e põem em evidência modos de ser e existir. Dentre os processos de cuidado em saúde, a experiência corporal da dança é estratégia frequente e possibilita o alcance de uma nova relação com o próprio corpo, com suas raízes ancestrais e com a feminilidade, a qual é cotidianamente negada às mulheres negras. O dançar permite cruzar histórias de vidas, enfrenta coletivamente as inseguranças criadas pelo racismo e dirige-se ao reconhecimento identitário. Assim, torna-se prática de cuidado.

De modo antagônico à repressão e ao cerceamento da liberdade impostos pelo sistema hegemônico, a dança conduz à fluidez e à potência do corpo negro. Na dança, assim como em outras manifestações culturais negras, tecem-se ações, como destaca Nascimento (2018), quando afirma que, na dança, “quando uma mulher negra olha nos olhos de

outra mulher negra, é como se fosse um espelho, pois sabemos de todas as dificuldades encontradas em ser mulher numa sociedade patriarcal negra, numa sociedade racista e pobre, numa sociedade de classes”.

Encarar a percepção por meio desse espelho — outra mulher negra — permite raiar a semelhança diante de uma sociedade que evidencia tanto seu corpo quanto a diferença, a diferença selvagem e primária. O gênero é negado à mulher negra, o racismo desintegra a autoridade individual sobre o corpo de si mesma, fraturando relações comunitárias, instituindo desordens de saúde e negligenciando amparos sociais. A violência categórica da intersecção raça-gênero-classe social lança sobre as mulheres negras a violência que atinge suas vértebras, sua subjetividade e sua sexualidade (LUGONES, 2008; FERREIRA & HAMLIN, 2010). Há a inferiorização do corpo, da epistemologia, da ontologia e da ética, para projetar na mulher negra o símbolo primitivo de humilhação aos desejos ocidentais. Por isso, acionar a dança em território negro quilombola é acionar ações antirracistas a corpos de mulheres negras. Capturamos a dança em seu estado de cuidado em saúde para mulheres negras diante de olhares contra-hegemônicos.

O racismo destroça o ritmo do corpo, retira dele fragmentos de cenas e experiências, cristaliza-o de modo mecânico e objetual. Fanon (2008, p. 104) nos conta que “o conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação”. Diante do racismo, o corpo é dado como natural, símbolo de experiência universal e estéril à emoção e ao movimento (CAETANO, 2017). É designado por quais espaços e caminhos os corpos negros devem trafegar, retendo sua energia cósmica, cultural e espiritual. Como Foucault (1984, p. 28) expõe, “[...] o corpo só se torna força útil se é, ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submisso”. Fanon (2008, p. 142) nos diz que “[...] é na corporeidade que se atinge o preto”, que se tira dele o segmento de liberdade e os atravessamentos étnicos e raciais que intensificam seu ritmo. Há a universalização do corpo negro, vítima da civilização ocidental. O que ocorre é a operação que media a dita evidência científica de inferiorização negra e a expansão da deslegitimação política e cultural que compõe esses corpos.

Com a desorientação advinda da estratificação do viver, é preciso deslocar-se desse lugar, diluir o universo mórbido e traçar o caminho para a desalienação, de modo a “[...] ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (Fanon, 2008, p. 44). Trata-se de levar o sujeito a duas esferas: reflexão e ação.

A dança terá a função do rompimento com a ordem social racista, com a potência da prática do cuidado em saúde. Nas danças afro-brasileiras, o que se imprime consiste de atos e práticas da cosmovisão negra, de modo que a ética e a estética sustentam a manifestação do cuidado em saúde, lançada *pela* e *sobre* a dança. Na dança, a fragmentação se anula para a emergência da composição em uma fluidez de som, voz e movimentos dançantes para o mergulho em possibilidades de ritmos, sons e movimentos que contam sobre resistência, ancestralidade e oralidade. Dado o viés de ênfase evidenciado aqui, principalmente, a dança narra sobre cuidados em saúde.

CAMINHOS DA PESQUISA

O estudo se guia por uma pesquisa de cunho qualitativo, imersa numa comunidade negra quilombola, na qual “[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (MINAYO, 1994, p. 51). O intuito é produzir conhecimentos e reflexões acerca das práticas de cuidados em saúde de jovens mulheres negras de uma comunidade quilombola do sertão de Alagoas.

O cenário da pesquisa fica localizado no sertão alagoano e possui cerca de 80 famílias, uma das comunidades mais antigas do estado. Teve seu reconhecimento pela Fundação Palmares em 2005 e passa pelo processo de titulação de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e pelo Instituto de Terras de Alagoas (Iteral). Possui uma unidade básica de saúde, uma escola de ensino fundamental I, uma associação comunitária, uma igreja, uma quadra esportiva e um banco de sementes. Permanece ausente de alguns serviços básicos e estruturais, tais como: saneamento básico, água encanada e calçamento completo, estruturas cuja falta provoca dificuldades para a vivência dos moradores.

A partir da necessidade e da aspiração da liderança e de jovens negras de se afirmarem politicamente, socialmente e culturalmente, em 2008 foi criado o grupo de dança. A liderança buscou, inicialmente, acompanhada de 20 jovens negras, a formação do grupo, direcionando a articulação dos ensaios, das escolhas das músicas e dos passos de dança. O intuito era deslocar as jovens para um outro olhar sobre a vida em comunidade e sobre o corpo negro feminino.

O estudo inicia-se a partir da devida autorização das participantes e de suas/seus responsáveis, pela via da leitura e da assinatura do termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE) ou do termo de assentimento livre e esclarecido (TALE). O projeto de pesquisa foi submetido à avaliação e à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, tendo sido aceito mediante o documento nº 47580621.2.0000.5013. Participam da pesquisa oito jovens negras quilombolas, que possuem entre 13 e 21 anos e formam a atual geração do grupo de dança. Com o objetivo de manter em sigilo suas identidades, as jovens aparecerão com nomes de plantas do sertão, cuja escolha foi feita pelo fato de que as plantas simbolizam o território em que as jovens estão inseridas. Os nomes definidos foram os seguintes: Angico (15 anos), Mandacaru (19 anos), Bromélia (13 anos), Cacto (15 anos), Flor de Jitirana (17 anos), Palma (19 anos), Ipê (21 anos) e Flor do Sertão (18 anos).

A pesquisa foi construída mediante os instrumentos de observação participante, diários de campo e grupos focais. Consideramos que a “[...] observação participante é uma metodologia muito adequada para o investigador apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move. A observação toma parte no meio onde as pessoas se envolvem” (MÓNICO et al., 2017, p. 727). No caso dos diários de campo, eles objetivaram descrever teorizações, impressões, observações, esboços e diálogos com as jovens do grupo de dança. Weber (2009, p. 157-158) aponta que o diário de campo “[...] é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social”.

Os grupos focais tiveram o

[...] objetivo [...] [de] reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo), a partir de um grupo de participantes selecionados. Eles buscam colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (TRAD, 2009, p. 780).

Desse modo, nós o utilizamos em dois momentos:

- 1º) Grupo de dança e seus significados: as participantes buscaram, com suas famílias, com sua comunidade e com a composição antiga do grupo de dança, algumas fotos, vídeos e histórias sobre a construção do grupo de dança. *A posteriori*, os materiais foram levados ao coletivo e discutidos mediante percepções e afetos observados na busca.
- 2º) Concepção de saúde, cuidado e bem-estar: discussão sobre a concepção de saúde, cuidado e bem-estar. Foram disponibilizados às jovens materiais como revistas, jornais e panfletos, para que construíssem narrativas por meio de recortes e colagens sobre o que entendem acerca de saúde, cuidado e bem-estar.

Por fim, a análise foi realizada com base na pesquisa social, considerando que a

[...] pesquisa social em saúde [...] [é uma] forma de obter acesso aos sentidos atribuídos e à experiência dos indivíduos e de seus esquemas interpretativos no que concerne à realidade da vida cotidiana, com enfoque no fenômeno do adoecimento humano. Este, de fato, pode ser apreendido em dois níveis de estruturação de sentidos: o das representações sociais e o da reconstrução da experiência (LIRA; CATRIB & NATIONS, 2003, p. 59 e 60).

A utilização da pesquisa social traça a realidade na qual as jovens estão inseridas, voltada à subjetividade e à objetivação das suas vidas e acerca das vivências de cuidados em saúde, considerando suas especificidades de raça, classe, gênero e cultura. Com isso, a análise busca as intersecções entre a dança e o cuidado em saúde para jovens mulheres negras quilombolas, a partir das narrativas, das cenas, dos diálogos e das falas singulares das jovens, expressas durante os grupos focais.

GRUPO DE DANÇA E O CUIDADO EM SAÚDE

Hernández (2017, p. 36) diz, em seus textos, que a ênfase dada à palavra “compartilhamento” é uma “[...] propuesta zapatista que nos

dice que queremos contar de nuestro ser y estar en el mundo a otras personas”. O cuidado em saúde e a dança semeiam, por meio da composição, a integração do viver negro quilombola, em que se compartilha e se conta sobre o ser e o estar no mundo a outros sujeitos, por intermédio da dança, ampliando percepções, operando sobre o exercício ético e revisando corporificações da vida. Neste ponto, a dança e o cuidado narram outras cotidianidades. Resgatamos algumas passagens, em que as jovens apontam o grupo de dança como um espaço em que afloram composição e compartilhamento. Primeiro, trazemos a experiência narrada por Angico, quando ela nos fala:

[...] porque aqui tem gente que não se assume como negra ou quilombola, só diz que é do quilombo, não se importa com a história por trás do nome, as referências, não diz ‘eu sou quilombola, neta de Antônio Leite’, diz ‘sou só do quilombo’, às vezes não é *nem negro, é moreno, não é referente a toda a história.*

Logo após, ela cita como faz sua própria apresentação:

Eu sou do quilombo, do quilombo dos *negros*; não sou morena, sou negra. Morena é ter cabelo preto, eu sou negra. E ainda conto as histórias da comunidade e mereço respeito, pois sou filha da neta do fundador da comunidade. Sou bisneta do fundador [risos], fico me achando. Tiro brincadeiras para suavizar, mas falando a verdade (Angico).

Angico apresenta que ela é fruto da composição de uma história ancestral e compartilha a autoridade da vida comunitária sobre seu corpo, complexificando o pensamento moderno/colonial, que induz a processos de redução do corpo a classificações homogêneas, atômicas e separáveis, bem como à “*sujeitificação*”, que tenta tornar os corpos das mulheres negras menos humanos (LUGONES, 2014). A jovem afirma-se como produto híbrido e sobrevive nas variadas condições e contradições, sobrevive à encruzilhada (ANZALDÚA, 2005).

É diante dos resquícios de desenraizamento territorial, corporal e subjetivo que Beatriz Nascimento narra a categoria de transmigração (NASCIMENTO, 2006), ideia apresentada pela autora, que conta a transmigração de sons, saberes, gestualidades e religiosidades, de modo que os quilombos reconstituíram suas noções artísticas, inclusive a dança. É

como se fosse necessário captar os resquícios de memórias, do balanço que habita o corpo ou as entranhas que permanecem ligadas aos seus ancestrais.

Assim, por meio de coalizões coletivas, as jovens conseguem trilhar novos enraizamentos, outros mundos e outras comunidades, capazes de vincular as vertentes das danças ao cuidado em saúde. O que se esvai é a violência colonial. O que se ressoa é a linguagem do corporal, que invade o outro. O que se ecoa consiste de corpos, que – ao dançarem – delimitam saberes, culturas e subjetividades. O que se quer? Permanecer como corpo vivo, cultura viva, território vivo, natureza viva e subjetividades eruptivas. Ao invés de permanecer na restrição, que se permaneça na manifestação. Na comunidade quilombola das jovens, em diferentes gerações, a dança está presente, às vezes protagonizada por idosas, outras vezes por meninos e meninas jovens e, nas últimas formações, por jovens meninas negras.

As jovens, desde os ensaios às apresentações, expressam outro lugar ético, político e estético, fazendo da dança registro de fronteira. Fora dos palcos, em encontros e ensaios, discutem como os gestos contracenam com narrativas históricas do seu povo ou como as atividades do grupo delimitam um lugar de superação aos entornos subalternos e marginalizados que lhes são impostos pela sociedade. A jovem Angico mostra seus desapontamentos com a situação frequentemente vivida e relata sobre ser chamada de macumbeira em tom pejorativo. Ela fala que,

pelo que aprendi nos encontros de quilombo que já frequentei, que me lembro, macumba é um instrumento. Aí, quando falam que é macumba, eu digo “macumba é uma coisa, candomblé é outra, e existem outras coisas por aí”. É como a professora disse ali, perguntou nossa cor, e Cacto disse “parda”. Aí, ela falou que parda é uma cor de papel, *não de pessoa, só existe branco e negro. Mas é muito preconceito. Já passei por muitos fora e dentro da comunidade. A gente tenta, mas preconceito não vai parar de uma vez só, mas é chato ficar ouvindo coisas sobre seu cabelo, sua pele, suas apresentações.*

As narrativas contadas pelas jovens mostram que são assíduas as vivências em que elas são violentadas; porém, não se resignam, ao contrário: encontram caminhos de luta para dissipar estruturas racistas,

que buscam incidir sobre seus corpos (HOOKS, 2020). Angico relembra a experiência que teve na secretaria de cultura da cidade e conta sobre a publicação da revista que trazia cenas do evento. Ela conta que

foram tantas dificuldades, mas ninguém desistiu. Sabe a única coisa que recebemos? Um quadradinho em uma revista da cidade. Foi lá no final, mas nós saímos. Da segunda apresentação, sequer saímos na revista. Trajetória difícil, até sermos reconhecidas [...].

Sua fala aguça o estado de integridade social na qual mulheres negras quilombolas se estruturam, uma vez que diz muito sobre a perversão racial de fazer desmoronar e inutilizar a cultura negra. Ou, ainda, fala como é potente ver seus corpos em palcos, prestes a narrar novos significantes e sentidos sociais.

Os movimentos são ancestrais, a resistência é força ética e a corporeidade é ato estético disposto no corpo, nos figurinos, nas letras e nas canções. Os movimentos de seus corpos remetiam à conexão com a natureza, estavam no sentir a terra, o ar, o fogo e água. A coreógrafa ressaltava a importância das expressões faciais, para que trouxessem a força e a pulsão de estarem ali, registrando suas narrativas e emoções. Os figurinos representam a cultura afro, possuem detalhes e estampas étnico-raciais nas saias. As tranças, em seus cabelos, remetem às suas ancestrais, que, na época da escravidão, traziam mapas de fuga desenhados em suas cabeças.

Em uma outra dimensão, a dança é retratada por algumas das jovens como sendo também um exercício físico, que as retira das movimentações segmentadas impostas por atividades corriqueiras e as faz passar a ter mais consciência corporal, seja para benefícios à saúde ou para a estruturação dos passos do espetáculo, como descreve Angico:

[...] na dança, nós vemos como a gente encontra no jeito de dançar e movimentar a prática de uma atividade física que faz bem para a saúde. Também na conversa que temos umas com as outras, que ajuda tanto para aprender os passos como para saber como nós estamos, se estamos bem ou não, tristes, felizes, com algum problema... Aí, nós cuidamos quando uma não está bem e dá força para continuar.

No quilombo, as jovens representam o plano limiar entre o território e a espiritualidade ancestral. No aspecto territorial, a dança e o espetáculo narram a trajetória do povo negro e da origem do quilombo, abordando o manejo do trabalho, por meio do qual vivem os territórios tradicionais. No aspecto ancestral, narram sobre culturas afrodiáspóricas, sobre gestualizações transmigradas (NASCIMENTO, 2006) e sobre os corpos que resistem, diante de zonas de guerra instituídas pelo Estado e pela oligarquia sertaneja. O grupo de dança traz história, alívio e pulsão, além de direcionar sua força à desestruturação social do racismo. A autora Sales (2012) retrata a condição do corpo como espaço de reivindicação e como este pode reorganizar as formas de resistência diante do racismo e dos estereótipos sexistas definidos pela sociedade, ao transformar o corpo negro em um palco de “contestações estratégicas” das lutas e da afirmação estética negra.

Nas apresentações — sejam voltadas à comunidade ou ao público externo —, ambos se deparam com sentidos amplos de corporeidades e raízes negras. O processo gera ao público outra dimensão sobre a cultura negra, principalmente ao instituir a negritude no lugar de palco, eixo central de visibilidade e protagonismo. Como dito pelas jovens, elas sentem-se “vistas”. Neste sentido, as apresentações constroem estratégias de comunicação sobre enfrentamentos sociais, políticos e econômicos, contados ao dançar, assim como estabelecem uma rede de amparo entre si, um espaço de aconchego dos afetos e encontros com a ancestralidade. Como bem narra Mandacaru:

[...] estar nos encontros e ensaios com as outras meninas, quando uma apoia a outra, nós nos fortalecemos e lembramos como nossos ancestrais resistiram. Então, devemos resistir e reexistir nesse lugar, nos afirmando como mulheres poderosas e lutando pelas nossas coisas.

O grupo de dança cria para as jovens um espaço autêntico de reconhecimento corporal, racial e étnico. Como nos diz Angico (2021), “[...] pegava as roupas da vó, vestia e ficava dançando na sala de casa, me sentia bem e conectada a algo”, ou seja, a conexão é extensa, é geracional, é ancestral.

Na comunidade, a dança é acionada para além do grupo. As/os moradoras/es estão sempre se reunindo na associação comunitária ou em outro local para se divertir com músicas, batuques e danças. Em

relatos ocorridos nos encontros do grupo focal, as participantes falam que, desde pequenas, a influência das danças nas festividades locais e a vontade de dançar lhes convocavam. A energia integrada aos movimentos construídos coletivamente lhes proporciona autonomia quanto à vida, ao bem-estar e aos seus corpos.

Na dança, a mulher negra adota a autoafirmação de suas identidades de gênero e étnico-raciais, assumindo como ponto de defesa, orgulho e vivacidade a construção de seus modos próprios de representação na sociedade. Trazem, consigo, a valorização de si e da sua comunidade, sendo admiradas, intencionadas a elevar a autoestima e a dignidade política, enaltecendo suas peles, seus traços, seus gestos e seus movimentos de beleza e força exercida por mulheres negras quilombolas.

Cacto, uma das jovens, afirma que, “[...] quando estou dançando, consigo perceber a presença das minhas ancestrais e nisso o poder de me sentir como uma rainha, diva e mulher que pode enfrentar tudo”. Sua narrativa nos recorda os escritos de Sales (2012), quando aponta que,

ao desenraizar sofrimentos e amarguras, o eu mulher negra igualmente confronta as tiranias e as opressões estabelecidas historicamente sobre si. [...] [São] mulheres negras que desafiaram a dor, o choro, a submissão, a revolta, a invisibilidade social e as formas discriminatórias de representação de seu corpo em outros tempos. Mulheres negras “agentes”, atentas, persistentes, com poderes e dons, cheias de esperança, que fizeram parte de gerações distintas [...] (p. 103-107).

Quando as jovens se encontram, promovem o cuidado por intermédio dos afetos e de seus modos de ser e existir. Em conjunto, transcendem sentimentos e reflexões acerca da sociedade e conseguem desenvolver habilidades interventivas e criativas por meio da cultura negra quilombola. Bromélia diz que

é por conta que uma dá força à outra. Se dançássemos sozinhas, não iríamos nos sentir muito seguras. Só nos sentimos confortáveis por estarmos juntas, porque uma dá força à outra, porque, se errar, tem como continuar com o apoio das outras, mas, se estivesse só, não teria como.

Algumas das participantes relatam como fortalecem vínculos quando dançam e como o resgate da cultura historicamente marginalizada lhes traz às suas raízes culturais, criando uma nova relação com o corpo e com a feminilidade, visto que, na realização do ato de dançar, suas histórias de vida se entrelaçam e se encontram na força e nas estratégias para driblar as inseguranças. Como narra Cacto, “mesmo com medo, a gente tem que tentar, mesmo assim, continuar”. Com isso, a dança propõe um espaço que está distante do cuidado biomédico centrado na lógica ocidental, pois o estar próximo e dançando coletivamente alimenta a saúde, baseada nos distintos modos de prazer edificadas no tempo-espaço das práticas e dos saberes tradicionais (NASCIMENTO, 2018).

Nos ensaios e nas apresentações, as jovens utilizam-se dos movimentos para soltar e liberar pulsões que carregam no momento em que permitem a conexão entre a música, os batuques e os gestos. Assim, encontram na cultura negra o princípio da troca como algo cíclico, que não é só representar o quilombo, mas também seguir de forma recíproca, doando e recebendo saberes na mesma proporção daquela de seus ancestrais, de suas parceiras de grupo e da comunidade. Para as jovens, a dança perpassa os sentidos da energia corporal, que vai ao Axé como força vital, segundo a cosmogonia nagô, bem como aos sentidos dos elementos da natureza (terra, fogo, água e ar), em um processo dinâmico, para resistir à dominação (SODRÉ, 2005).

O estudo revela a necessidade de olhares descolonizados acerca da produção do cuidado em saúde e das vivências quilombolas, permitindo o protagonismo dos saberes e das percepções afrodiáspóricas, reorganizando o existir em sociedade enquanto potência de suas coletividades. Duas das jovens retratam suas percepções sobre saúde. Mandacaru fala que “saúde é bem-estar, estar bem consigo e com o outro, estar podendo participar dos ensaios”, enquanto Angico diz que “a gente percebe a saúde até quando uma está cuidando da outra, ajudando a pegar os passos da coreografia, ajudando nas dificuldades que tem”. Ambas destacam como estão entrelaçados à saúde o cuidado e o bem-estar gerado pelo convívio, pelos ensaios e pelas apresentações.

A jovem Flor do Sertão traz a concepção de que o estar bem e feliz com o que se está fazendo lhes proporciona um cuidado em saúde. Ela aponta que “[...] tipo, na dança, às vezes, a pessoa está triste e, dançando, a gente aparece alegre, tentando esconder a outra face, o que, às vezes, acaba espantando essa tristeza e só dá lugar para a face

alegre e o cuidado, que nos traz saúde”. A jovem destaca como a dança é ponto de transformação em alguns momentos e de resistência em situações que acontecem cotidianamente. Tanto o quilombo quanto o grupo de dança exercem o estímulo de resgate das memórias do corpo, que incentivam as práticas de cuidado e, conseqüentemente, de saúde individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As culturas negras no Brasil se constituem historicamente como formas de resistência e invenção. Neste sentido, é importante retomar a abordagem inovadora de Beatriz Nascimento acerca do conceito de quilombo:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz [...]. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Possibilidades em dias de destruição (NASCIMENTO, 2018, p. 8).

As expressões artísticas vivenciadas nas comunidades quilombolas representam mais do que entretenimento, pois produzem o fortalecimento dos laços de pertencimento e sociabilidade. O estudo evidencia as estratégias de resistência do grupo de dança diante de desamparos em saúde e as possibilidades da dança enquanto forma de aquilombamento. Ao fortalecer a identidade quilombola, a dança representa a construção coletiva de um espaço de autocuidado e acolhimento.

O cuidado, a ancestralidade e os movimentos corporais possibilitam que jovens negras quilombolas estructurem um outro modo de viver e enfrentar as negligências dos serviços e das políticas de saúde ausentes no quilombo. Ressaltamos, inclusive, que é uma realidade estendida a territórios negros, sejam rurais ou urbanos. A saúde é pensada em sua estrutura de bem-estar social, político e econômico. Ao atravessarem escombros racistas e traçarem a construção do grupo de dança, as jovens produzem discursos políticos, sociais e corporais que denotam suas cotidianidades, as memórias negras e a junção entre cultura e cuidado em saúde.

As discussões acadêmicas e profissionais devem estar embasadas nas compreensões e nos conhecimentos que são desenvolvidos em quilombos, o que significa conhecer para intervir, conhecer para manusear novas estratégias de modificação social. Quando nós nos aproximamos de territórios negros, inferimos sobre outras percepções, produzindo saberes que se embasam em suas cotidianidades, que são invadidos pela complexidade e pelos fatores culturais negros.

A pesquisa proporcionou a reflexão sobre o distanciamento entre as políticas de saúde e os territórios quilombolas. Devido a isso, observamos na comunidade a necessidade de fomentar espaços que pudessem vir a promover bem-estar, que é uma função do Estado que passou a ser função do quilombo. E, assim, a dança surgiu e mantém-se como possibilidade de promoção de bem-estar e de afirmação das identidades negras e quilombolas.

REFERÊNCIAS

- ANZALDUÁ, Glória. **La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, nº 3, p. 320, set-dez, 2005.
- CAETANO, Patricia de Lima. **Pistas somáticas para um estudo da corporeidade**: uma aprendizagem das sensações. Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, nº 2, p. 168-176, maio-ago., 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros**: um ensaio sobre corpos não civilizados. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 18, nº 3, p. 811-836, set./dez. 2010.
- GONDIM, S. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa**: desafios metodológicos. Paidéia. Bahia, v. 12, nº 24, p.149-161, 2003.
- GONZALES, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz. **Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos**. Solar, vol. 12, nº 1, p. 35-46, 2017.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou mulher?**: mulheres negras e feminismo. 7ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

- KIND, L. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais.** Psicologia em Revista. Belo Horizonte, v. 10, nº 15, p. 124-136, jun., 2004.
- LIRA, Geison Vasconcelos; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; NATIONS, Marilyn K. **A narrativa na pesquisa social em saúde:** perspectiva e método. Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde 2003; 16 (1/2): 59-66.
- LUGONES, M. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa.** Bogotá – Colombia, nº 9: 73-101, julio-diciembre, 2008.
- LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial.** Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro, 2014.
- MARTINS, F. B.; FERREIRA, L. **Uma década após criação, apenas 28% dos municípios brasileiros implantaram Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.** Gênero e Número, São Paulo, v. 1, nº 1, p. 1-15, 2019. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/10-anos-politica-saude-populacao-negra/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.
- MÓNICO, L.; ALFERES, V.; CASTRO, P. *et al.* **A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** Atas CIAIQ. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais//Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales//Vol. 3, 2017.
- NASCIMENTO, B. **Kilombo e memória comunitária:** um estudo de caso. *In:* RATTIS, A. (Org.). Eu sou atlântica: sobre trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.
- NASCIMENTO, C. B. **A dança afro-brasileira como instrumento de saúde para a população negra.** *In:* CANAVESE, D. *et al.* (Org.). Equidade étnico-racial no SUS: pesquisas, reflexões e ações em saúde da população negra e dos povos indígenas. Porto Alegre: Rede Unida, p. 56-58, 2018.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual:** possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- OLIVEIRA, J. M. Serviço Social e o silenciamento sobre as questões étnico-raciais. **Serviço Social**, Brasília v. 19, nº 41, p. 385-397, 2017.
- PÉREZ, Beatriz. **A ética do cuidado é um contrapeso ao neoliberalismo.** A entrevista é de Beatriz Pérez, publicada por El Periódico, 07-10-2019. A tradução é do Cepat. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos>.

br/78-noticias/593428-a-etica-do-cuidado-e-um-contrapeso-ao-neoliberalismo-entrevista-com-helen-kohlen>. Acesso em: 20 maio 2023.

PUGGINA, Ana Cláudia Giesbrecht; SILVA, Maria Júlia Paes da. Ética no cuidado e nas relações: premissas para um cuidar mais humano. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*; 13 (4): 599-605, out./dez., 2009.

RUCKERT, Bianca; CUNHA, Daisy Moreira; MODENA, Celina Maria. **Saberes e práticas de cuidado em saúde da população do campo**: revisão integrativa da literatura. *Interface Comunicação, Saúde e Educação (Botucatu)*, vol. 22, nº 66, p. 903-914, abril, 2018.

SALES, Cristian Souza. **Pensamentos da mulher negra na diáspora**: Escrita do Corpo, Poesia e História. *Sankofa*, São Paulo, v. 5, nº 9, p. 91-110, 2012.

SANTOS, M. *et al.* **Benzer, cuidar e acolher**: vivências em saúde camponesa no sertão alagoano. *In: ALBUQUERQUE, C. et al.* Soberania, segurança alimentar e saberes saudáveis. Arapiraca: Eduneal, 2021, p. 106-120.

SILVA, C. **Os Sons do Atlântico Negro**. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, vol. 8, nº 15, p. 21-39, 2007.

SOARES FILHO, A. **O recorte étnico-racial nos sistemas de informações em saúde do Brasil**: Potencialidades para a tomada de decisão. *In: BATISTA, L. E.; WERNECK, J.; LOPES, F. (Orgs.)*. Saúde da População Negra. 2ª ed. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012, p. 34-62.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais**: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 3, p. 777-796, 2009.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo** ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, nº 32, p. 157-170, 2009.

XAVIER, Costa Eliana. **A visão da feminilidade sobre os cuidados em saúde dos quilombos contemporâneos**. *In: VICENTINI, F. et al.* Saúde da População Negra. 2ª ed. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, p. 204-222, 2012.